

ARTÍSTICA DEFENDIDA POR IVAN SERPA

Ivan Serpa, papa do concretismo, rompe com a escola:

ARTE GEOMÉTRICA É ARTE DO PASSADO

Reportagem de HAROLDO HOLLANDA

Fotos de RUBEN PEREIRA

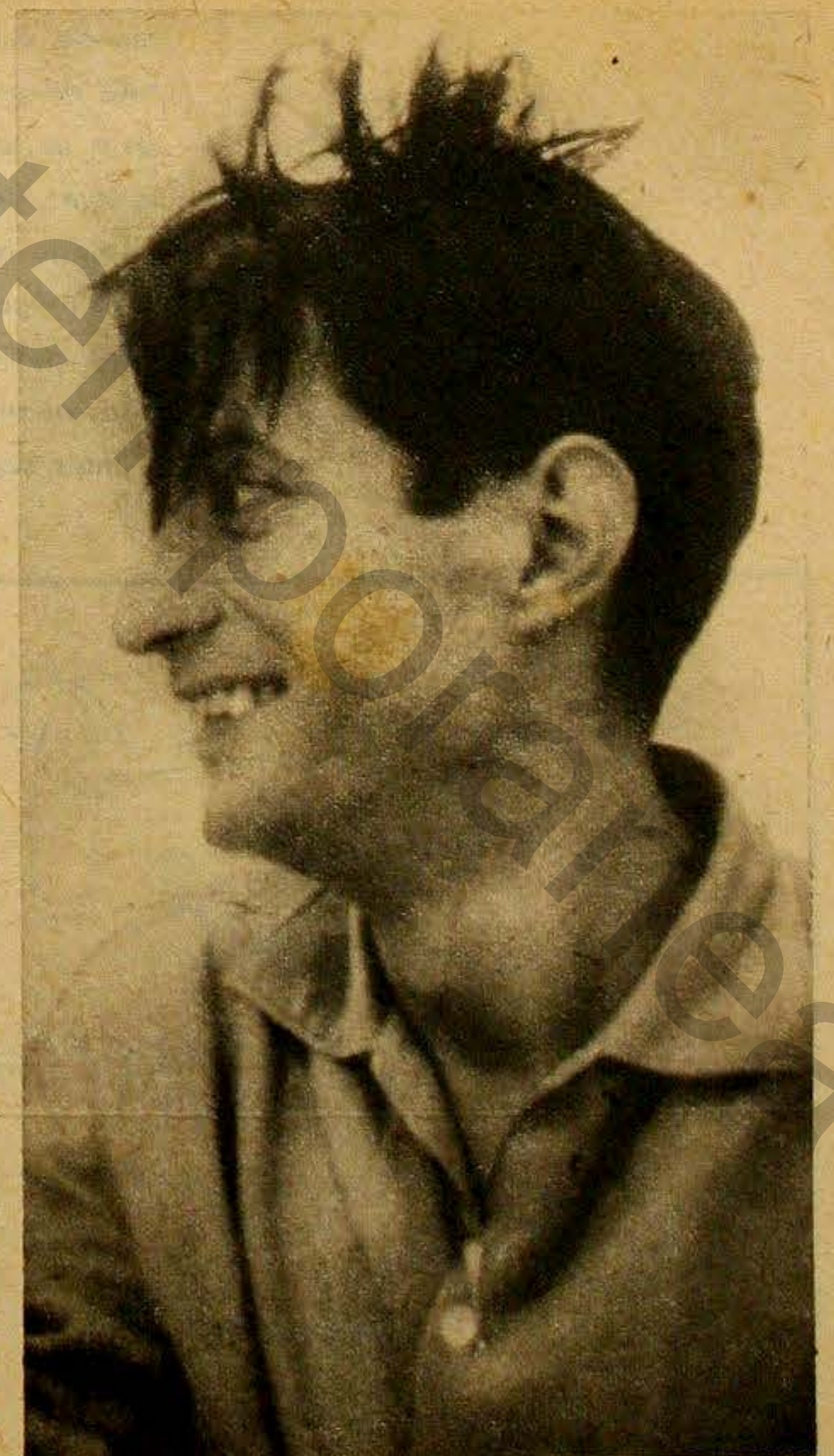
PINTA O QUE QUER E COMO QUER

Confessa que a resolução que tomou não significa um retorno ao figurativo. «Não tenho mais essa preocupação. Hoje pinto o que quero e como quero. Os meus quadros agora se realizam independentes de ismos de qualquer natureza». Vai mais adiante em suas conclusões: «os concretistas estão, hoje, como que numa ilha, cada vez mais isolados, procurando, desesperadamente, arrebanhar «novos pintores que antes renegavam. Quem acompanha nosso movimento artístico poderá saber se é verdade o que digo».

Lamenta-se ter organizado o grupo «Frente». Recorda que a idéia primeira do grupo não foi a de atingir o concretismo. Era, apenas, a de reunir os que pintavam com seriedade. Tanto que no grupo havia até figurativos. No seu entender, o grupo «Frente» foi o responsável pela enorme confusão que grassa entre os novos pintores. De tudo isto, na sua opinião, o concretismo vai deixar, apenas, um capítulo rápido na história da nossa pintura, que não ficará como um marco. Declara Ivan Serpa que quando não mais existirem os teóricos para «manterem a «onda», então será possível julgar com maior correção e objetividade o que foi o concretismo.

A pintura — segundo Ivan Serpa — vai ter a sua participação no movimento de eclosão em que vive o país no momento presente. Fala das exposições espalhadas pelo Rio e São Paulo que vendem quadros e que permitem hoje ao pintor viver, exclusivamente, de sua pintura. E' necessário, entretanto, diz Ivan Serpa, que os pintores se afirmem com maior coerência. Alguns, porém, ainda vivem como que ocupados com o que vem de Paris. Com a última moda na pintura. Já existe, no entanto, um numeroso grupo de artistas que não pensa assim. Que procura soluções próprias, brasileiras, pessoais, para sua arte. Isto é prova de que o Brasil está se firmando, procurando seu destino verdadeiro.

Embora tenha escrúpulos e medite bastante antes de responder, Ivan Serpa cita como artistas da melhor qualidade, na arte nacional, Krasjberg, e, num campo oposto, Lygia Clark (não a incluo no grupo dos concretos. Vejo a arte que ela faz como de excelente qualidade, cheia de vivência humana, desprovida, portanto, de justificação). Finalmente, não poderia esquecer Goeldi e Livia Abramo.



IVAN SERPA
FOI UM
DOS LÍDERES DO
CONCRETISMO



O ARTISTA NÃO PODE FECHAR-SE NUMA TORRE DE MARFIM, ESQUECIDO DOS PROBLEMAS QUE O CERCAM E À SUA GENTE. ESTA A POSIÇÃO

IVAN Serpa, olhos brilhantes e contemplativos, voz mansa, é um pintor que nasceu com alma de pintor. Nunca teve outra aspiração em sua vida que não fôsse a pintura. Os seus olhos às vezes se entristecem, sua voz adquire um tom de melancolia, mas o gosto pela pintura e pela vida, nunca perdeu. Podem sobrevir decepções, amarguras, que elas são próprias da vida. Desde que se entende que desenha. Em casa, no colégio, nas paredes, nas calçadas, onde houvesse local apropriado a que o lápis corresse. Seu professor de pintura foi um velho mestre austríaco radicado no Brasil. Isto em 1947. Dois anos depois já tinha adquirida sua própria independência, seus meios próprios de expressão, transformando-se em abstrato. Em 1951 era concretista e um dos líderes do concretismo. Foi o lançador do chamado grupo de «Frente». Seis anos depois ganhava o Grande Prêmio Nacional de Pintura, com viagem ao estrangeiro. Estêve na Europa, viu o que de melhor se faz em matéria de pintura nos principais países. Suas convicções sofreram forte abalo. O choque foi tão profundo que, ao regressar ao Brasil, durante seis meses não pegou nos pincéis. O fim de tudo isso foi o rompimento de Ivan com o concretismo. Retornara da Europa com a convicção ganhando corpo dentro da sua alma de que, com os acontecimentos que atualmente se desenvolvem no mundo, com os povos em constante ebulição, lutando por sua auto-afirmação e independência, não é possível ao artista fechar-se numa torre-de-marfim e esquecer o que se passa em torno de si. E acrescenta êle próprio: «Podem dizer, podem pensar o que quiserem de mim. Quem é livre pode usar a palavra como bem entender. Foi a condição de papa do concretismo que me levou à revolta de que agora estou possuído. Tudo que começa com grandes líderes termina, invariavelmente, com um sentido de ditadura. Da mesma forma ao prestigiar um grupo a palavra e os atos de um homem, êste termina sendo um ditador. A arte independe de ditadores».

Embora rompendo com os concretistas, Ivan Serpa afirma que em nada diminuiu sua estima e admiração pelo crítico Mário Pedrosa, que é no Brasil o grande teórico dos concretistas. «A êle devo muito. Quantas e quantas vezes, sem um tostão, êle me emprestou dinheiro para que pudesse comprar tinta e prosseguir em meu trabalho. Não posso esquecer os favores que Pedrosa me prestou».

UMA ARTE DISTANCIADA DA REALIDADE

Do que viu e sentiu na Europa, Ivan Serpa fala: «Na Europa, distante de tôdas as influências mais próximas do meio brasileiro, pude

ver e julgar com maior independência tudo o que fazíamos aqui. Verifiquei, então, que a arte concreta não correspondia à realidade. Mesmo assim continuei a fazer arte concreta, embora em dúvida. Em dezembro de 1959, ao voltar da Europa, passei cinco meses sem pintar e procurei julgar o que vinha fazendo. Li e pesquisei atentamente. Ao voltar a pintar, notei que havia uma profunda modificação em tudo quanto fazia. E o que aconteceu foi que pude dar maior vaza a expressão à minha força artística, às minhas necessidades interiores mais profundas. Enfim, eu voltava a ser um homem, com as suas necessidades e aspirações em franca expressão. Hoje estou convencido de que nenhum artista se deve fixar em ismos ou panelinhas artísticas ou literárias».

«PINTURA GEOMÉTRICA É TÔRRE-DE-MARFIM»

Ivan Serpa é de opinião de que depois dos meses de crise em que viveu, ficou convencido de que é impossível fazer uma arte como o concretismo no mundo em que vivemos, conturbado por revoluções, onde se tem a sensação de se viver sentado sôbre um vulcão, com os diferentes povos procurando afirmar-se em todos os sentidos como uma realidade política, social, econômica e cultural. Para Ivan Serpa os que pintam geomêtricamente estão dentro de uma torre-de-marfim e não estão atentos aos problemas que os cercam. «Arte — acentua Ivan Serpa — não é ciência. No concretismo as teorias nascem antes dos quadros. Vai chegar o tempo em que nas exposições, ao lado de cada quadro, explicando o seu significado, haverá longos artigos elucidativos do seu significado».

Lembra Ivan Serpa como o concretismo foi totalmente superado como escola na Europa. Que os concretistas brasileiros fazem pintura para uma pequena elite, totalmente distanciados da coletividade em que vivem. «Isto não quer dizer — continua — que o artista não deva se expressar como sente. Se fôr às massas, muito bem. Se não fôr, também não constitui problema. Quisemos nos igualar aos europeus. O que fizemos foi uma cópia totalmente artificial e de má qualidade».

Ivan Serpa observa que os críticos concretos são de opinião que uma arte geométrica vai ter a capacidade de falar ao espírito de todos os brasileiros. Para Ivan, não se pode impor a mesma arte a uma coletividade tão extensa.